

ESPIRITISMO E O SER INTEGRAL: ANÁLISE CORRELACIONAL ENTRE A SÉRIE PSICOLÓGICA ESPÍRITA DE JOANNA DE ÂNGELIS E A PSICOLOGIA JUNGUJANA SOBRE O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO ¹

Lorena Álvares Nicoli²

1 INTRODUÇÃO

Na Psicologia Analítica a religião é importante para analisar a evolução da estrutura psíquica do sujeito. Uma das tarefas que Jung se propôs a fazer foi demonstrar como psicologia pode aproveitar sobre os saberes da religião. Segundo Jung:

[...] a religião constitui, sem dúvida alguma, uma das expressões mais antigas e universais da alma humana, subtende-se que todo o tipo de psicologia que se ocupa da estrutura psicológica da personalidade humana deve pelo menos constatar que a religião, além de ser um fenômeno sociológico ou histórico, é também um assunto importante para grande número de indivíduos (JUNG, 2013, p. 6164).

Dessa maneira, Jung constata o valor de compreender as religiões para analisar a evolução do pensamento e estrutura psicológica dos indivíduos e, conseqüentemente, da sociedade.

Em se tratando de Psicologia Espírita, que é construída a partir dos ensinamentos de Jesus segundo o Espiritismo e também a partir dos fundamentos da psicologia científica, desenvolve uma análise profunda sobre a complexidade psíquica do indivíduo, sendo uma fonte de tratados considerados terapêuticos pela benfeitora espiritual Joanna de Ângelis.

No movimento espírita há um Núcleo de Estudos Psicológicos Joanna de Ângelis que se dedica à sistematização do estudo das obras de Joanna de Ângelis e estabelece uma análise profunda a respeito da terapêutica psicológica desenvolvida pela benfeitora. Segundo Cláudio Sinoti, membro deste Núcleo, a psicologia de Joanna de Ângelis:

¹ Texto aprovado para apresentação no XVIII Simpósio Nacional da ABHR – Concrer 2022, no Simpósio Temático 09 – Espiritismo no Brasil e no mundo – religião, ciência, política, filosofia e cultura, que ocorreu no dia 17 de novembro de 2022.

² Psicóloga de formação, mestranda em Ciências da Religião – PUC Minas. E-mail: lorenanicoli@hotmail.com

[...] tem como base os princípios fundamentais da Doutrina espírita, que são: a crença em Deus, na imortalidade da alma, na comunicabilidade dos Espíritos, na reencarnação e na pluralidade dos mundos habitados. Partindo desses princípios, ela estabelece pontes com o pensamento das diversas correntes da Psicologia (SINOTI et al, 2017, p. 27).

A partir disso, a Psicologia Espírita se ocupa em estabelecer uma relação com outras correntes da psicologia e, com vistas a colaborar com esta discussão, entendo que seja possível estabelecer correlações entre as obras da Série Psicológica Espírita de Joanna de Ângelis e das obras de Jung. Dessa forma, proporcionará entendimento de como os ensinamentos de Jesus, a partir da perspectiva de Joanna de Ângelis, fornece elementos para a individuação e analisar em que medida será possível realizar aproximações e distanciamentos desses elementos com a psicologia junguiana.

2 INDIVIDUAÇÃO

O processo de individuação impele ao movimento de autoconhecimento, o sujeito encara-se por completo, tornando-se consciente de quem ele é e de seu propósito. Nas obras espíritas psicológicas de Joanna de Ângelis é desenvolvido um trabalho de profunda análise de aspectos psicológicos que são indispensáveis para ir de encontro à integralidade psíquica, ou seja, à individuação. Em Jung esse processo visa a integração dos vários aspectos da personalidade tendo como fim a totalidade psíquica.

2.1 INDIVIDUAÇÃO EM JUNG

A psicologia junguiana utiliza da mitologia, alquimia e das religiões para ajudar a compreender, através de estudos comparativos, como a estrutura psíquica dos homens se desenvolveram ao longo de sua existência. Na obra de Jung, uma das tarefas que se propôs a fazer foi demonstrar como a psicologia pode aproveitar sobre os saberes da religião. Segundo Jung:

[...] a religião constitui, sem dúvida alguma, uma das expressões mais antigas e universais da alma humana, subtende-se que todo o tipo de psicologia que se ocupa da estrutura psicológica da personalidade humana deve pelo menos constatar que a religião, além de ser um fenômeno sociológico ou histórico, é também um assunto importante para grande número de indivíduos (JUNG, 2013, p. 6164).

Nesse contexto, a psicologia analítica é desenvolvida levando em consideração toda a história da humanidade, bem como suas produções religiosas, artísticas, mitológicas e intelectuais. Segundo Jung:

[...] o conceito de inconsciente coletivo que possui toda a base histórica, compreende toda a vida psíquica dos antepassados desde os seus primórdios, é matriz de todos os fatos psíquicos e, por isso, exerce uma influência que compromete a liberdade de consciência, visto que tende constantemente a recolocar todos os processos conscientes em seus trilhos. [...] é constituído de instintos físicos e arquétipos (JUNG, 2014, p. 3793).

Na psicologia analítica, os arquétipos são a base, as estruturas herdadas, constitutivas da ordenação psíquica, ponto nodal do inconsciente coletivo. É a condição estrutural da psique, com potencial de produzir os mesmos padrões de experiência e o princípio ordenador da psique. Para Jung,

[...] o inconsciente é a fonte de todas as forças instintivas da psique e encerra as formas ou categorias que as regulam, quais sejam precisamente os arquétipos. Todas as ideias e representações mais poderosas da humanidade remontam aos arquétipos. Isto acontece especialmente com as ideias religiosas (JUNG, 2014, p. 3862).

Marie-Louise Von Franz, foi uma importante continuadora do trabalho de Jung, e nas pesquisas realizadas sobre arquétipos complementa dizendo que os arquétipos assumem as formas de vivências do homem que ficaram marcadas ao longo de todas as experiências da humanidade, se manifestando através dos sonhos, símbolos, mitos, assim como na literatura e nos filmes (VON FRANZ, 2008).

Numa tentativa de trazer uma compreensão mais detalhada sobre a mitologia e como ela ainda está presente nos dias de hoje, Kenneth C. Davis diz que Homero, o poeta, escreve que “todos os homens precisam dos deuses” (DAVIS, 2004, p. 21). Logo, precisamos de mitos. É sabido que se tem vestígios de mitos junto aos primeiríssimos indícios de culturas humanas (DAVIS, 2004, p. 22) e pontua que:

Os mitos são histórias de caráter simbólico que evoluíram de acordo com a cultura e com as condições históricas. Pode ser definido como uma história tradicional, em geral antiga, que fala de seres sobrenaturais, de ancestrais ou de heróis que funcionam como modelo fundamental da visão de mundo de um povo, seja explicando aspectos do mundo natural ou delineando a psicologia, os costumes ou os ideais de uma sociedade (MORRIS; DAVIS; 2004, p. 47).

Aprofundando mais sobre o que é mito, David Leeming em A Dictionary of Creation Myths diz que um mito é a[...]projeção da[...]noção que um determinado grupo desenvolveu de seu passado sagrado e da importante relação que esse grupo tem com as forças mais profundas do mundo e do universo que cerca. Um mito é a projeção da[...] alma de uma cultura (DAVIS, 2004, p. 48).

Nessa perspectiva, segundo Jung (2013) nenhuma ciência jamais substituirá o mito, e um mito não pode ser feito a partir de nenhuma ciência. Pois não é que “Deus” seja um mito, mas sim que o mito é a revelação de uma vida divina no homem. Não somos nós que inventamos o mito, antes é ele que nos fala como uma palavra de Deus (JUNG, 2013, p. 6165).

No que se refere aos arquétipos, que são parte do inconsciente coletivo, e que podem ser manifestados na consciência através de conteúdos mitológicos, simbolismos ou imagens, Jung faz a seguinte colocação:

[...] arquétipos é a designação com a qual indico certas formas e imagens de natureza coletiva, que surgem por toda parte como elementos constitutivos dos mitos e ao mesmo tempo como produtos autóctes individuais de origem inconsciente. Os temas arquetípicos provêm, provavelmente, daquelas criações do espírito humano transmitidas não só por tradição e migração como também por herança. Esta hipótese é absolutamente necessária, pois imagens arquetípicas complexas podem ser reproduzidas espontaneamente, sem qualquer possibilidade direta (JUNG, 2013, p. 6216).

Em suma, os arquétipos são configurações herdadas e o seu conteúdo é sempre determinado por vivências e experiências pessoais do indivíduo.

Portanto, segundo a psicologia analítica junguiana, é a partir da consciência que se adquire os conteúdos individuais e torna o sujeito consciente da vida exterior e interior. E só existe consciência quando há um conteúdo psíquico associado ao eu, e este por sua vez, é um complexo. Uma consideração importante sobre a consciência é que não pode haver elemento consciente que não tenha o ego como ponto de referência. Assim, o que não se relacionar com o ego não atingirá a consciência (JUNG, 2008, p. 7).

A integração dos materiais inconscientes à consciência, favorece o caminho da individuação, porque este diz respeito ao homem se desenvolver e se tornar Si-mesmo, único, ou seja, tem como meta o Self (Si-mesmo). Então o homem tenta ir em busca da completude, da inteireza, da unidade (JUNG, 2013, p. 2063).

2.2 INDIVIDUAÇÃO NA PSICOLOGIA ESPÍRITA DE JOANNA DE ÂNGELIS

Através de pesquisas realizadas no Núcleo de Estudos Psicológicos de Joanna de Ângelis, Sinoti (2017), diz que no campo da psicologia, os estudos de Carl Gustav Jung destacam-se dentre aqueles que se ocupam profundamente na análise do fenômeno religioso. Ao contrário de outras correntes, que consideravam patológicas as buscas religiosas, Jung entendia que muitos dos conflitos dos seus pacientes, em especial aqueles que se encontravam na 2ª metade da vida, possuíam raiz religiosa, ou seja, a neurose se estabelecia justamente por terem perdido o vínculo com a religiosidade (SINOTI, 2017, p. 26).

Certamente que muitos conflitos e transtornos psicológicos foram “desencadeados pela fé religiosa totalitária, excessivamente dogmática, imperiosa, por inibir valores da personalidade e bloquear o discernimento da psique” (ANGELIS apud SINOTI, 2017, p. 28). Portanto, o comportamento religioso totalitário é observado de maneira à parte, pois configura um radicalismo do discurso sem espaço para diálogo e que pode acarretar ideias e comportamentos patológicos. Examinando essa problemática, é possível observar uma forma de projeção da própria mazela e a benfeitora reflete que a Verdade, em síntese, que é Deus – e não a verdade conveniente de cada um, que é a forma doentia de projetar a própria sombra, de impor a sua imagem, de submeter à sua vontade alheia- constitui meta prioritária (FRANCO, 2021, p. 33).

A crença em Deus, a partir da análise de Joanna de Ângelis,

[...] não implica a necessidade de uma busca religiosa convencional, dogmática. Estabelece-se através da construção de uma relação saudável com a força de atração psíquica – que a autora chama de deotropismo – “equivalente a “um sol transcendente, que é o Arquétipo Primacial – a Divindade- que se irradia como fonte de vida, de calor, de energia, Eixo central do universo e Gerador do Cosmos, que atrai na Sua direção todas as expressões que O manifestam na Criação” (ANGELIS apud SINOTI; 2017, p. 28).

Exteriorizar a divindade interior está além de seguir regras religiosas de como pensar e agir. Segundo Divaldo Franco (2021) a religiosidade é uma conquista que ultrapassa a adoção de uma religião; uma realização interior lúcida, que independe do formalismo, mas que apenas se consegue através da coragem de o homem emergir da rotina e encontrar a própria identidade.

Quando se trata de encontrar a própria identidade é necessário realizar o percurso do autoconhecimento. Para isso, a integração, unificação, inteireza dos aspectos psicológicos são possíveis através do caminho da individuação ou do Self (Si-mesmo). Este é o principal arquétipo do inconsciente coletivo, princípio organizador da personalidade, o Self é o arquétipo da ordem, da organização e da unificação. O “Deus-homem interior”, assim também chamado por Jung. (GRINBERG *apud* SINOTI, 2017, p. 111).

A relação ego-self é de extrema importância para alcançar a totalidade psíquica, ou seja, a individuação. Sinoti (2017) expõe que sendo o ego o centro da consciência, ele deve estar atento ao direcionamento do Self, pois qualquer talento que tenhamos, por exemplo, mas que não seja consciente, não se desenvolverá, e será como se fosse inexistente; ele só poderá ser real se o ego o reconhecer. Ou seja, é necessário que chegue até a consciência materiais inconscientes para que aconteça o desenvolvimento da personalidade de maneira integrada.

Na visão da psicologia espírita, o Self, enquanto “possuidor dos símbolos e imagens que se encontram no arquétipo primordial...” (ANGELIS *apud* SINOTI, 2017, p.20), estabelece-se ainda na condição do próprio espírito imortal, “com as experiências iniciais e profundas de processos anteriores, nos quais desenvolveu os pródomos do Deus interno nele vigente, em face da sua procedência divina desde a sua criação” (ANGELIS *apud* SINOTI, 2017, p.122).

Sendo assim, Divaldo Franco compreende que:

Na razão direta em que o Self predomina sobre o ego, e as lições de Jesus são essenciais a essa mudança, a essa superação de paixões, menos materializado se torna o Espírito, que aprende a aspirar a mais altas especulações e conquistas ambicionando o Infinito (FRANCO, 2021, p. 42).

Segundo Sinoti (2017) com o expandir a consciência, lançar luz nas sombras, o homem adquire uma harmonia e conhecimento de sua própria natureza e conflitos. Nesse direcionamento, Sinoti (2017) diz que quando nos propomos a um autoexame honesto, o ego encontra uma força interior na qual residem todas as possibilidades de renovação e é através desse processo que o eixo ego-self vai se fortalecendo.

Para Jung, a meta não é ser perfeito, mas ser inteiro. O que significa um conhecimento de todos os aspectos da nossa personalidade, até mesmo aquelas características que reprovamos e não desejaríamos para nós (JUNG *apud* SINOTI, 2017, p. 113).

A Psicologia Espírita entende que para que todos esses aspectos da personalidade sejam integrados, “a existência terrena tem uma finalidade primordial e impostergável, que é a unificação do ego com o inconsciente, onde se encontram adormecidos todos os valores jamais experienciados e capazes de produzir a individuação” (ANGELIS *apud* SINOTI, 2017, p. 123).

Tendo como base o Evangelho Segundo o Espiritismo para desenvolver sua psicologia, Joanna de Ângelis se fundamenta nos ensinamentos de Jesus e, dentre todos, o amor é o principal. Segundo a benfeitora, “A Lei natural que vige em todo o Universo, é a de amor, que se exterioriza de Deus mediante Sua criação... e na perspectiva da psicologia profunda o ser vive para amar e ser amado, iluminar a sombra e fazer prevalecer o Self” (ANGELIS *apud* SINOTI, 2017, p. 306).

Nessa perspectiva, Joanna de Ângelis diz que “a individuação, conscientiza o ser de que, para alcançar a luz é necessário superar as trevas que frequentemente surgem pelo caminho, às heranças inevitáveis dos comportamentos pretéritos” (ANGELIS *apud* SINOTI, 2017, p. 123). Dessa maneira, compreende-se que os valores vividos e ensinados por Jesus ajudam no caminho pela busca da integralidade

3 CONCLUSÃO

Diante dessas breves explicações, o inconsciente coletivo que Jung percebia como herança da humanidade, a Psicologia Espírita reconhece como “as experiências vivenciadas por cada indivíduo no processo da evolução, passando pelas etapas reencarnacionistas, nas quais transitou nas diversas fases do desenvolvimento antropossociopsicológico de si mesmo” (ANGELIS *apud* SINOTI, 2017, p. 118). Esse é um dos pontos que diferencia as duas concepções, porém a necessidade de compreender, conhecer e integrar conteúdos conscientes e inconscientes é a base para ambas as teorias no que se refere à busca da individuação.

Dessa forma, a tomada de consciência de todos os aspectos da personalidade, das próprias necessidades, sentimentos, comportamentos, sombras e individualidades subjetivas favorece o caminho do autoconhecimento.

REFERÊNCIAS

- DAVIS, C. Kenneth. **Tudo o que precisamos saber, mas nunca aprendemos, sobre mitologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2016.
- FRANCO, Divaldo Pereira; SINOTI, Claudio; SAID, Cezar; SINOTI, Iris; ROBERTO, Gelson; REIKDAL, Marlon. **Refletindo a alma: a psicologia Espírita de Joanna de Ângelis**. 4. ed. Núcleo de Estudos Psicológicos Joanna de Angelis; Joanna de Ângelis [psicografado por] Divaldo Pereira Franco. Salvador: Leal, 2017.
- FRANCO, Divaldo Pereira. **Jesus e o Evangelho à Luz da Psicologia Profunda**. 6.ed./ Pelo espírito Joanna de Ângelis [psicografado por] Divaldo Pereira Franco. Salvador: Leal, 2021.
- FRANCO, Divaldo Pereira. **O homem integral**. 23.ed. Pelo espírito Joanna de Ângelis [psicografado por] Divaldo Pereira Franco. Salvador: Leal, 2021.
- FRANZ, Marie-Louise Von. **O processo de individuação**. In: Jung, Carl Gustav (Org.). O homem e seus símbolos. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2013.
- JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente**. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2013.
- JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Religião**. Edição Digital. Petrópolis: Vozes, 2013.
- JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Edição Digital. Petrópolis: Vozes, 2014.